

Caso de Giulliano não é o único

Tóquio — A violência sofrida por Giulliano não é um caso isolado, são vários os relatos de maus-tratos acontecidos entre crianças da comunidade brasileira. Os irmãos Daniele Mayumi, de 9 anos, e Sílvio Mitsuki Hashiguchi, de 7, são bons exemplos. Eles estudam na Escola Municipal de Shimodade, província de Ibaraki, oeste de Tóquio, e desde o início têm tido constantes problemas.

De acordo com Maria Hashiguchi, 27 anos, mãe dos garotos, quando Mayumi estava na 1ª série foi alvo de maus-tratos por parte de um garoto japonês. Chegou a sofrer agressões físicas. “O caso foi comunicado à professora que chamou a atenção do garoto e só assim as coisas melhoraram um pouco”, declarou. “O desprezo era demonstrado com o uso da palavra *gaijin* (estrangeiro), de forma pejorativa”, conta. A garota passou a manter distância dos colegas e procurar somente o irmão nos intervalos.

Já Sílvio não gosta de comentar sobre o assunto. A irmã relata que ele costuma apanhar dos colegas, mas não consegue reagir, só chora. “Os meninos ameaçam, dizem que

se contar às professoras vão matá-lo”. A mãe lembra que o garoto já chegou em casa com sinais de agressões. “Estou cansada de comunicar à escola. Eles fazem reuniões e há períodos de tranquilidade, mas logo recomeçam as provocações”, revelou.

Segundo Maria, o incidente mais grave foi quando tentou forçar o fi-

de Aichi, Sul de Tóquio. De acordo com ele, a discriminação era somente pelo fato de ser estrangeiro. Ao concluir o curso ginásial, no início desse ano, optou pelo trabalho. “Escola no Japão jamais”, diz o rapaz que constantemente sofria agressões físicas.

Em Tsushima (mesma província), Felipe Keni Enomoto, 14 anos, sou-

be driblar as discriminações que sofria por meio do esporte. “No começo foi muito difícil, como não podia me comunicar os garotos se afastavam de mim. Nos intervalos todos brincavam e quando tentava me aproximar

eles me ignoravam. Dava vontade de voltar para Mogi de Cruzes (SP), onde tinha muitos amigos”, contou.

Segundo Felipe, a situação começou a mudar quando foi formada uma equipe de futebol para campeonatos interclasses. “Ninguém me queria no time, mas no primeiro jogo me destaquei fazendo dois gols. A partir de então eles passaram a me respeitar”, relembra. Em março, fim do ano fiscal japonês, ele concluiu o último ano do curso primário com destaque em educação física. Em abril iniciou o ginásio. (JS)

CASOS DE MAUS-TRATOS EM ESCOLAS JAPONESAS

	Curso primário	Curso ginásial	Segundo grau	Total
1985	12.899	7.113	1.818	21.899
1987	4.506	3.061	948	8.506
1990	3.163	3.403	888	7.454
1991	2.984	3.234	954	7.172
1992	2.883	3.440	982	7.305

Fonte: Ministério da Educação do Japão

lho a ir à escola: “Ele chegou a subir na janela do apartamento e ameaçar a se jogar caso fosse obrigado”. Ela procurou ajuda de psicólogos e passou a não obrigar os filhos a assistir às aulas todos os dias. “Não sei se ajo corretamente, mas é a única maneira que encontrei para preservá-los”, desabafou.

EMPREGO

Os maus-tratos fizeram com que Marcelo Odagiri, 16 anos, trocasse os bancos do Ginásio Homi, pela linha de montagem de uma fábrica de autopeças em Toyota, província